

# FREUD NÃO EXPLICA: IMPLICAÇÕES SOBRE A METAPSICOLOGIA FREUDIANA

EUDES DUARTE FILHO<sup>1</sup>  
FRANCISCA LÍVIA LIMA VIDAL<sup>2</sup>

**Resumo:** Com a descoberta do inconsciente e a invenção da Psicanálise, Freud subverte o cogito cartesiano, descentrando a razão dominante e colocando o homem num lugar aquém ao do saber absoluto e completo sobre si mesmo. Dessa forma, nasce uma nova e radical empreitada: a Outra Cena freudiana, possuidora de lógica própria e do desejo que a anima. A partir disso, o presente artigo objetiva estabelecer algumas considerações sobre as conseqüências e os desdobramentos da sistematização do conceito de inconsciente para a Psicanálise. Para tanto, foi necessário realizar um retorno aos textos sobre o inconsciente, a pulsão e o recalque, tendo em vista a riqueza epistemológica encontrada nesses escritos. Desde sua pré-história, a Psicanálise foi alvo das mais diversas formas de interpretação, chegando a ser confundida com práticas terapêuticas outras. Não obstante, Freud sempre se preocupou com seu ensino e sua transmissão para além dos campos do saber médico e biologizante, quase como numa atitude profética. Entretanto, após sua morte, o que assistiu-se foi a uma constante deturpação de seus conceitos fundamentais. Atualmente, falam do Pai da Psicanálise como aquele que detém a verdade sobre nosso desejo, através do célebre jargão “Freud explica”. Todavia, a afirmativa vai de encontro ao que a própria Psicanálise e o próprio Freud tanto implicaram. Há, portanto, no lugar da verdade absoluta, a –lógica do desejo inconsciente, sua dinâmica conflitante e sua exigência fantasmática subjetiva.

O nascimento da Psicanálise, a partir da sistematização freudiana da Outra Cena e da publicação de *A Interpretação dos Sonhos*, demarca, indelevelmente, o século XX. Até então considerado apenas numa perspectiva filosófica, o conceito de inconsciente resumia-se a tudo aquilo não consciente.

A transmutação dessa referência para a elaboração de um saber dotado de leis próprias traz à tona outro lugar: o do desconhecimento radical do sujeito, marcado pela falta estruturante, pelo destrambelhamento do desejo, pelas paixões e pela morte. Dessa maneira, a consciência também sofre um abalo ao ser destituída do poder supremo, associado a uma verdade absoluta, tornando-se, irremediavelmente, o lugar do ocultamento, da farsa e da dissimulação. Com isso, operou-se uma reviravolta no cogito cartesiano, na ciência positivista e nas mais diversas áreas do saber.

O alcance epistemológico da invenção freudiana abalou todo um sistema predominante de pensamento sobre o homem e sua inserção no mundo, além de incitar uma terceira ferida narcísica sobre a humanidade. Ao observar que o homem não é mais senhor em sua própria casa, Freud revela o desalinhamento do sujeito por ele próprio,

<sup>1</sup> Psicólogo. Psicanalista. Mestrando em Ciências da Educação, Professor do Curso de Psicologia da *Faculdade Luciano Feijão* (FLF).

<sup>2</sup> Aluna de Graduação em Psicologia da *Faculdade Luciano Feijão* (FLF).

acompanhado de um suspeito estranhamento sobre si e sobre aquilo que comanda o seu destino: o desejo. Longe de se perceber centrado, racional e numa ilusória sensação de harmonia consigo mesmo, o sujeito depara-se agora, de supetão, com algo ao mesmo tempo familiar e estranho, que ora o incomoda, ora o impulsiona em busca de seu desejo.

Nesse caminho ambivalente pelo qual é convidado a se enveredar, o sujeito do inconsciente é faltoso, manco, resultado de um conflito consigo mesmo entre as aspirações pulsionais, de uma lado, e os ideais civilizatórios, do outro. Banhado pela libido e pela linguagem, busca incessantemente a produção de um saber que lhe é ímpar e próprio sobre o enigma de sua existência, sendo a todo momento arrebatado por moções pulsionais.

Em 1915, Freud escreve os textos *Metapsicológicos*, intencionando descrever os processos mentais em suas relações tópicas, econômicas e dinâmicas. Traz, portanto, o Inconsciente sistematizado, representando o aparelho psíquico a partir de uma interação dinâmica de instâncias (PCS-CS-ICS) na primeira tópica e eu, isso e supereu na segunda tópica, nas quais a noção de conflito psíquico se torna operante e fundamental.

Contrariamente ao que tentaram fazer com ela, a Psicanálise jamais procurou ocupar um lugar de apaziguamento do desejo, de um modelo adaptacionista ou de uma terapêutica normatizante, onde a harmonia entre as instâncias psíquicas seria possível pela supressão dos impulsos inconscientes. Tal concepção começou a se difundir a partir de alguns “seguidores” do mestre vienense, tendo se agravado com sua morte. No entanto, o próprio Freud já havia alertado para o fato de que a história da Psicanálise seria a história das resistências advindas contra ela. E, portanto, não somente era bem vista pelo meio dito científico e acadêmico da época, mas o próprio meio se encarregaria de deturpá-la.

Aliás, numa conferência realizada por Freud e Jung, nos Estados Unidos, o criador da Psicanálise afirmou à época que era o portador da peste, numa alusão aos conteúdos teóricos analíticos. Sabendo disso, poderíamos indagar em tom chistoso se ele não seria, com isso, um verdadeiro cabra-da-peste?

Descontrações à parte, torna-se necessário, neste momento, esboçarmos diferenças entre dois conceitos, os quais foram amplamente confundidos e causaram sérias distorções, como havíamos citado a pouco. Referimo-nos ao instinto (INSTINKT) e à pulsão (TRIEB). O instinto relaciona-se a uma ordem de um

comportamento biologizante, hereditário e cíclico, portanto, de caráter fixo e imutável. Enquanto que a pulsão se caracteriza por uma força constante (KONSTANT KRAFT), que visa à satisfação. Apresenta-se estruturado em 4 características: força, fonte, objeto e finalidade.

A força representa uma pressão constante que é imposta ao aparelho psíquico, ininterruptamente, tendendo para a descarga de uma excitação interna. É a energia psicosexual, denominada de libido.

A fonte possui estrutura de borda, que circunscreve nos orifícios corporais uma excitação, uma tensão interna, da qual o sujeito não pode fugir. Ela é de onde nasce essa tensão, constituindo-se sempre de ordem corporal.

O objetivo de uma pulsão é sempre a satisfação, a qual pode ser atingida apesar de ela ser inibida quanto a seu alvo. Tal satisfação nunca ocorre de maneira total e é sempre parcial, pois é uma característica intrínseca da pulsão o impedimento à realização da satisfação completa.

Deparamo-nos, agora, com a questão do objeto, que significa aquilo de que a pulsão se utiliza para a obtenção de uma determinada finalidade, a satisfação. Considerado como o que há de mais variável, é contingencial e imutável. A satisfação pulsional, portanto, independe do objeto, podendo, inclusive, tomar qualquer objeto, contanto que ele possibilite a realização dessa satisfação. Importante salientar que tais objetos sofrem ainda modificações no decorrer dos destinos pulsionais, de acordo com a história singular da produção desejante de cada um.

O movimento pulsional caracteriza o sujeito como diferença na Psicanálise. Seu funcionamento anárquico demarca nela a impossibilidade de um condicionamento educativo, com vistas a um suposto equilíbrio mental. Por conta do circuito da pulsão, o sujeito escapa a um viés condicionante, pervertendo um ritmo biológico em nome de algo que extravasa o domínio do instinto. O homem adquire sua condição de humano, por conta de sua ascensão à linguagem e ao simbólico. Mesmo assim, para conseguir viver em sociedade, passa a sofrer o impasse entre o imperativo do desejo e as exigências pulsionais ditas “civilizatórias”. Surge, aqui, a importância do recalque.

Antes de qualquer explicação, não se pode permitir a perpetuação de outro “equivoco”, a saber, a confusão entre recalque e repressão. A repressão, contrariamente ao que muitos pensam, não é a causa do recalque, mas sua consequência. O recalque, a partir de Freud, é um mecanismo processual que consiste em afastar da

consciência (manter à distância) determinadas representações que se demonstram insuportáveis, pois foram consideradas como gerando desprazer. O recalque, portanto, é um processo que atua entre dois sistemas, processo fundamental para a sistematização do inconsciente (Unbewusst) significado como o insciente, insabível.

Freud, em “A História do Movimento Psicanalítico”, reitera que “a teoria do recalque á a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise. É a parte mais essencial dela e todavia não mais é senão a formulação teórica de um fenômeno que pode ser observado quantas vezes se desejar empreender a análise de um neurótico sem recorre à hipnose”. O recalque acontece independente de forças externas ao sujeito, ele é um mecanismo estrutural e estruturante do próprio sujeito. É essa justamente a marca do conceito em Freud, pois ele não atribui ao recalque somente sua função de defesa, mas o eleva a uma categoria de um mecanismo constitutivo do inconsciente. Dedicamo-nos, neste momento, mais detalhadamente a isso.

Com a des-coberta do inconsciente e a invenção da Psicanálise, Freud subverte o cogito cartesiano, descentrando a razão dominante e colocando o homem num lugar que não o do saber absoluto e completo sobre si mesmo. Dessa foma, nasce uma nova e radical empreitada: a Outra cena freudiana, possuidora de lógica própria e do desejo que a anima.

O inconsciente freudiano, portanto, distancia-se da concepção até então filosófica (onde este era interpretado puramente como uma simples ausência de consciência) para ocupar o lugar de um saber elaborado por um material literal, desprovido em si mesmo de significação, atemporal e regido por processos próprios. (processos primários). Nessa perspectiva, nenhuma ação, escolha, renúncia, por mais autônomas que pareçam, nenhuma delas escapa à sua influência.

Esse sujeito, constantemente submetido ao estanque, ao tropeço, à falta, paradoxalmente se estranha, num movimento dinâmico no qual, a todo momento, procura uma resposta, um escape, uma válvula para o enigma de seu desejo. Entre o advento dentre desejo que o move e sua realização há um hiato, a partir do qual ele se estrutura.

Pelo recalque, o sujeito se submete a uma força contra si mesmo: o insuportável do rochedo da castração vem à tona e a nós, como a Édipo, sobressai uma profecia ao

nosso desejo. Outra vez o paradoxo se instala e quando mais pensamos escapar a tais expectativas, menos galgamos os lucros de tal empreitada.

Saímos disso como um sujeito que tropeça em si mesmo, que não pode mais fugir ou abster-se de um estímulo, pois agora a força que o move é interna, constante, exigente. Muitas vezes esse sujeito desconhece absolutamente aquilo que deseja, depois se familiariza e novamente se estranha, num movimento dinâmico, desejoso, conflitante.

Para dar conta de tamanho conflito, Freud elabora uma tentativa de teorização sobre aquilo que irá chamar de “minha Psicologia”. Partiu, então, da clínica, e em particular do tratamento das histéricas, para a elaboração de conceitos fundamentais, sem os quais a ferveção da realidade clínica tornar-se-ia incompreensível.

A esse projeto, o Pai da Psicanálise denominou Metapsicologia. Apesar de nunca tê-lo realizado inteiramente, Freud conseguiu estabelecer relações conceituais entre inconsciente, recalque, pulsão, dentre outros, descrevendo-os em seus 3 registros: tópico, dinâmico e econômico.

Epistemologicamente, a psicanálise pode ser compreendida como uma teoria e uma prática que rompe com a psiquiatria e a psicologia do século XIX. Sob o viés da arqueologia, ela pode ser entendida como consequência de uma série de articulações entre saberes e práticas que constituíram o solo possibilitador de seu advento.

Vários foram os elementos que contribuíram para sua emergência. Desde a própria vida e obra de seu criador, Sigmund Freud, até a crítica da Filosofia, passando pela clínica da histeria, a “consciência” da loucura e a própria cultura da racionalidade supervalorizada. Da Teoria da Sedução à Teoria da Fantasia, desde a hipnose, do trauma e da ab-reação até as descobertas sobre a sexualidade infantil e sua etiologia das neuroses, enfim, desde sua pré-história, a psicanálise é vítima das mais diversas formas de interpretação, chegando a ser confundida com práticas terapêuticas outras.

Não obstante, Freud sempre se preocupou com seu ensino e sua transmissão para além dos campos do saber médico e biologizante, quase como numa atitude profética. Entretanto, após sua morte, o que assistiu-se foi a uma constante deturpação de seus conceitos fundamentais, ora graças à maneira como a psicanálise expandiu-se geograficamente, ora devido a manuseios da técnica, ora a questões mesmas de cunho ideológico ou político. A verdade é que, nos dias de hoje, o saber sobre o inconsciente tornou-se, por um lado, “acessível” e muitas vezes até popularizado, e, por outro, muitas vezes completamente desvirtuado daquele constituído um dia por seu criador.

Tamanhas transformações se deram, sobretudo, através das mais fantasiosas interpretações sobre sua obra. Atualmente, falam de Freud como aquele que detém a verdade sobre nosso desejo, através do célebre jargão “Freud explica”. No entanto, a afirmativa vai de encontro ao que a própria psicanálise e o próprio Freud sempre defenderam: a-lógica do desejo inconsciente, sua dinâmica conflitante e sua exigência fantasmática subjetiva. Quer dizer, longe de procurar respostas que enquadrem o sujeito a uma saída singela e apaziguadora de seus conflitos, longe de produzir subjetividades normais e, portanto, objetos fabricados para consumo em massa, onde a felicidade é oferecida a todo instante através de mercadorias obturadoras da falta, e, principalmente, longe de pensar o comportamento humano como algo da ordem de um instinto reducionista biologizante, a psicanálise freudiana propõe uma saída radicalmente oposta a isso, onde a fantasia, o desejo, o inconsciente e a pulsão possuem uma lógica própria, onde o sujeito responde a isso de forma singular e extremamente diferente.

Enfim, se a psicanálise sofreu tantas deturpações, um dos principais motivos também foi a forma como a qual conceitos fundamentais em sua teoria adquiriram outros caminhos que não os pensados por Freud, conceitos esses a que ele chamou de metapsicologia.

Estudar, portanto, a metapsicologia freudiana, suas especificidades e consequências é fundamental para quem deseja enveredar pelos caminhos da psicanálise sem, contudo, pervertê-la. O rigor à letra freudiana torna-se, aqui, requisito ético para aqueles que dispor-se-ão a desvendá-lo. Não nos referimos à rigidez (esta empobrece o pensamento e a criatividade), mas fazemos jus à descoberta freudiana. Antes de regredir a um passado distante, objetivamos conduzir o processo de ensino a partir da coerência epistemológica e ética de seu criador.

Trata-se de, no presente, retornar ao passado, não para repetí-lo, mas para re-inventar no um a um de cada análise a experiência única e singular da procura do sujeito pelo misterioso e não menos envolvente caminho de seu desejo.

## REFERÊNCIAS

Freud,S. “A história do movimento psicanalítico”, Volume XIV, ESB; RJ: IMAGO, 1996.

\_\_\_\_\_. *Artigos Sobre a Metapsicologia*. Inconsciente, Pulsão e Recalque, Volume XIV, ESB; RJ: IMAGO, 1996.

\_\_\_\_\_. *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade*. Volume VII Edição Standard Brasileira, ESB; RJ: IMAGO, 1996.

\_\_\_\_\_. *A Interpretação de sonhos*. Volume V, ESB; RJ: IMAGO, 1996.

\_\_\_\_\_. *O mal-estar na cultura*. Volume XXI, ESB; RJ: IMAGO, 1996.

Mannoni, O. *Freud – uma biografia ilustrada*. RJ: Jorge Zahar Editores, 2000.

Assoun, P.L. *Metapsicologia freudiana – uma introdução*. RJ: Jorge Zahar Editores, 1996.

Lacan, J. *O Seminário*, livro 11. RJ: Jorge Zahar Editores, 1998.

Lacan, J. “A coisa freudiana ou o Sentido do retorno a Freud em psicanálise”. In: *Escritos*. RJ: Jorge Zahar Editores, 1998.